

## Editorial



Osvaldo Cabral  
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

### De olho na ministra

Nos últimos anos habituamo-nos a receber inúmeros ministros, que deixaram as mais variadas promessas, a esmagadora maioria delas nunca cumpridas.

Muitos dos problemas que afectam as nossas vidas poderiam estar, hoje, mais suavizados se os compromissos assumidos fossem realizados tão rápido como anunciados.

Cá estivemos, sempre, para escrutinar este rol imenso de problemas, muitos dos quais se mantêm.

É preciso que os órgãos fiscalizadores da vida pública façam, também, o seu papel, a começar pelo parlamento regional, que deve chamar, sempre, às suas comissões, os governantes que falham nos seus compromissos.

Da nossa parte não os deixaremos descansados, como aconteceu ao longo das últimas legislaturas.

Agora, é preciso dizer que vamos continuar com o olho neles, a começar pela ministra da Saúde, Ana Paula Martins, que se deslocou a Ponta Delgada para se inteirar da dimensão das consequências do incêndio no Hospital do Divino Espírito Santo.

Foi uma atitude nobre e parece que terá compreendido, melhor do que alguns políticos locais, a dimensão dos prejuízos e o que isto vai causar na vida das pessoas, especialmente os doentes e seus familiares.

O compromisso deixado pela ministra não pode ser esquecido, pelo que aqui deixamos o mais importante das suas declarações, que iremos lembrar todas as vezes que elas não forem cumpridas.

A ministra prometeu trabalhar para a construção de uma nova unidade, afirmando que é preciso **“olhar para o plano de investimentos e isso é uma coisa que tem de ser feita de forma muito rápida”**.

**“Isso seguramente está ao nosso alcance”**, considerou.

Quando questionada sobre o valor que o Governo da República vai transferir para os Açores para a recuperação daquele hospital, Ana Paula Martins remeteu a resposta para mais tarde, destacando que **“é o início deste processo de transformação”**.

**“O nosso memorando, no fundo, de identificação de todas as necessidades a curto e a médio prazo será feita. Todas essas informações muito em breve estarão disponíveis para serem partilhadas com os portugueses e com aqueles que residem em Portugal continental e também aqui nos Açores”**, concluiu.

Convém que o Governo dos Açores tenha em cima da mesa, todos os dias, estes compromissos assumidos pela ministra, para lhe lembrar sempre que o tempo passar e nada for feito na tal **“forma muito rápida”**.

Se não o fizer, cá estaremos para o respectivo escrutínio e o devido juízo.

É preciso que o Terreiro do Paço aprenda que os açorianos não dormem.

Nem se deixam adornar.

### O financiamento

À parte a solidariedade da República, de onde não devemos esperar grande coisa atendendo ao histórico dos últimos tempos, também não será fácil que o Fundo de Solidariedade europeu cubra todos os prejuízos no HDES, que deverão atingir umas dezenas de milhões de euros.

É preciso que o Governo dos Açores comece a rever o seu Plano e Orçamento e procurar os recursos financeiros necessários, em conjunto com os partidos da oposição, especialmente o PS, que voltou atrás - e muito bem - mostrando-se disponível para ser parte da solução.

Esqueçam a obsessão do “endividamento zero”, caso seja necessário recorrer ao financiamento externo, para resolver, rapidamente, o problema do HDES.

Finalmente, espera-se que o Conselho de Administração do nosso hospital volte, também, atrás, e abra um espaço de perguntas dos jornalistas nos seus encontros com a comunicação social. Não permitir perguntas que esclareçam melhor o público, é o pior serviço que se pode prestar numa situação de “comunicação de risco”. É o interesse público que o exige.

## Rio Grande do Sul: um sofrimento com lágrimas açorianas



Por Lélia Nunes,  
na Ilha de Santa Catarina, Brasil

### “A ver (e a sofrer) maior catástrofe das nossas vidas”

Assis Brasil e Valesca Assis

Incontáveis matérias jornalísticas, dados quantitativos, imagens, vídeos, milhares de relatos de salvamentos, mortes e de perdas inestimáveis.

Tudo isso é muito pouco para descrever o quadro devastador da tragédia que se abateu, há mais de uma semana, sobre o estado vizinho do Rio Grande do Sul, os nossos irmãos gaúchos.

Um dos estados mais produtivos e ricos do País, hoje um estado submerso: lavouras, fazendas, pecuária, parque fabril, comércio, escolas, hospitais, povoados, vilas e cidades, rodovias e aeroportos e GENTE, a nossa gente que traz no sangue a tempera do açoriano das nove Ilhas, que lutou ontem e luta hoje bravamente por sua sobrevivência contra o dilúvio que começou em fins de Abril.

Não me perguntem se tem alguém ali que é descendente de açorianos ou que instituições foram afetadas.

Apenas, reflitam comigo!

Porto Alegre, a linda capital gaúcha, o “Porto dos Casaes” fundada em 1752 por casais açorianos encaminhados desde a histórica Santo Antônio dos Anjos da Laguna para assegurar a posse do território, possui cerca de 1.500.000 habitantes.

A água do grande estuário de Guaíba saiu de seu leito e invadiu a cidade ante o olhar incrédulo do gaúcho que, apavorado e impotente, assistia sua cidade ser engolida e cerceando o seu viver. Centro Histórico, Paço Municipal, Praças da Alfândega onde ocorre a Feira de Livros, Museu de Arte/MARGS, Mercado Público... e o povo ricos e pobre. Tudo e Todos, sob as águas.

O coração do Rio Grande do Sul está ferido ante a fúria da natureza em colapso que afeta mais de 86% de seus 497 municípios. Isso dá um total de 431 atingidos.

Os dados dessa manhã, dia 10 de maio, indicam 327 mil pessoas desa-

lojadas, mais de 107 mortos e centenas de desaparecidos. Nestes dados quantitativos está toda população do Rio Grande do Sul afetada, a maioria sem água potável e luz elétrica.

Infelizmente, as previsões não são boas. As chuvas continuarão a castigar ainda e com maior intensidade, sobretudo no litoral norte gaúcho e atingirá o sul catarinense. O que me devolve à noite de 24/3/1974 quando o rio Tubarão transbordou e destruiu a minha cidade natal.

Em meio a toda tragédia vimos emergir o pior do ser humano nos saques ao património atingido pelas cheias. Por outro lado, o melhor também se manifesta na grande corrente humana de solidariedade imparável e vinda de todas as partes do país.

Os catarinenses dão o exemplo ao abrirem suas portas e acolherem moradores desabrigados de Porto Alegre e do interior do Estado.

A grande querência do Rio Grande do Sul - com mais de um milhão de descendentes de açorianos, Casa dos Açores, centenas de instituições culturais, centros culturais, salas de leitura de livros açorianos; que respeita e cultiva com amor profundo às suas raízes culturais insulares - não é povo quesucumbe sob o peso da calamidade que agora o fere “quase” de morte.

Amanhã, o Rio Grande do Sul há de renascer como uma Fénix, o sol voltará a brilhar, enquanto o velho vento Minuano levará para bem longe as nuvens de chuva que faz o nosso sul chorar de dor.

Encerro com o depoimento dos queridos amigos gaúchos, os escritores Assis e Valesca Brasil:

“Estamos a ver e (a sofrer) a maior catástrofe de nossas vidas, e as palavras, mesmo quem delas vive, são poucas e insuficientes para narrar a devastação. Tentamos sobreviver, ajudando a quem precisa, dando acolhimento a quem perdeu tudo; enfim, procurando dar alguma utilidade às nossas vidas. Mas sei que superaremos. O povo açoriano, cujos descendentes nos formaram, acostumado historicamente a sofrer o descontrolo dos elementos, nos inspira a não desistir. E o monumento aos Açorianos segue em pé.”

